



VIAGENS PAPAIS
DECIDIDAS NOS
PRÓXIMOS DIAS

O cardeal Ratzinger era chefe da Congregação para a Doutrina da Fé desde 1981 e tido como guardião intransigente do dogma

A missa de inauguração do pontificado do novo Papa Bento XVI será no próximo domingo, dia 24, às 10:00" locais (menos uma na Madeira). A Eucaristia vai ser celebrada na Capela Sistina na presença dos cardeais eleitores.

breves

Passou pela hitleriana



O novo Papa, o alemão Bento XVI, pertenceu às juventudes hitlerianas contra sua vontade, afirma Ratzinger na autobiografia "Da Minha Vida" e no último livro "O Sal da Terra", citado pelo diário alemão Sueddeutsche Zeitung.

Irmão estupefacto

O irmão do novo Papa ficou estupefacto em frente do seu televisor quando foi anunciado o nome do novo Pontífice, indicou a governante do prelado, Goerg Ratzinger, de 81 anos.

«Ele estava estupefacto em frente do televisor sem dizer palavra», declarou a governante, Agnes Heindl. «Nunca o tinha visto assim. Ele mal podia acreditar», acrescentou.

Georg Ratzinger declarou a 6 de Abril que o irmão «não tinha qualquer hipótese» de se tornar Papa.

Recolhidos e em festa até hoje



À semelhança do que aconteceu na eleição de João Paulo I e João Paulo II em 1978, os cardeais continuaram isolados na casa de Santa Marta. Nas horas pós-conclave, os cardeais jantaram como Papa eleito e, como tal, continuaram longe dos olhares públicos, entre a Casa de Santa Marta e o palácio apostólico até hoje de manhã. De qualquer forma, já se sabe que o Conclave foi marcado por um clima de «grande festa, unidade e comunhão», afirmou um dos cardeais eleitores, Ennio Antonelli, de Florença, um dos participantes na secreta reunião.

Cardeal conservador eleito Papa da continuidade

Pontificado de Bento XVI promete ser polémico. Joseph Ratzinger é representante da linha mais dogmática da Igreja



O cardeal Ratzinger, agora eleito Papa, é conhecido pela suas posições dogmáticas e ataques a fenómenos como a música rock, «expressão de paixões elementares».

Ricardo Miguel Oliveira, com Lusa
rmoliveira@dnoticias.pt

Eram 16.50 na Madeira. O fumo, alegadamente branco que subiu ao céu cinzento de Roma, fez parar o Mundo. E baralhá-lo. Até porque o sinal emitido da chaminé da Capela Sistina não foi acompanhado da confirmação inovadora. Os sinos teriam que repicar. Mas tardaram. E até as imagens televisivas induziram em erro – o fumo parecia negro.

Ironicamente, foram assim os primeiros minutos de Joseph Ratzinger. O novo Papa é alemão, tem 78 anos e considerado como um representante da linha mais dogmática da Igreja.

Eleito pelo primeiro conclave do século XXI, Bento XVI, 265º pontífice da história da Igreja Católica, é o sétimo Papa alemão depois de Adriano VI (1522-1523), o

último pontífice não italiano antes de João Paulo II, natural da Polónia.

Decano do conselho cardinalício, antes da morte de João Paulo II, Ratzinger dirigia a poderosa Congregação para a Doutrina da Fé, herdeira da Inquisição.

Com ideias que frequentemente chocam com as correntes liberais do seu país de origem, o nome de Ratzinger surgiu em todas as polémicas no seio da Igreja Católica para travar as tentativas de reforma dos seus correligionários mais progressistas.

Na Alemanha, por exemplo, o seu nome aparece ligado ao "braço de ferro" que manteve com o cardeal Karl Lehmann, presidente da

Conferência Episcopal alemã, em torno da questão do aborto.

«Ir contra a corrente e resistir aos ídolos da sociedade contemporânea faz parte da missão da Igreja», é uma das suas máximas, e nas meditações da última Sexta-feira Santa criticou a falta de fé do homem actual, que se deixa arrastar por um novo paganismo.

O cardeal denunciou também o sofrimento imposto a Cristo pela "sujidade" que grassa na sua Igreja.

A escolha do nome de Bento XVI representa uma ligação a um legado de "fazedor de paz", nos conflitos humanos e eclesiais.

Encarregue este ano por João Paulo II de redigir os textos de meditação do Calvário para a Semana Santa, Ratzinger apresentou uma verdadeira crítica contra «as nódoas», «o orgulho» e «a auto-sufi-

ciência» no seio da Igreja.

O tom não surpreendeu, vindo deste príncipe da Igreja conhecido pelas suas represálias contra as derivas da teologia da libertação defendida por um dos seus alunos, o brasileiro Leonardo Boff, os pensadores dissidentes, como Hans Kung, e mais globalmente contra tudo o que representa a modernidade.

Desde 1981 até hoje, as suas proibições são várias: não à ordenação das mulheres, não ao casamento dos padres, não à homossexualidade, não ao comunismo, não à Turquia na Europa.

As suas tomadas de posição são cortantes e muitas vezes ameaçaram provocar crises políticas.

Face a uma Igreja em crise, preconiza a aproximação a alguns movimentos católicos mais radicais, e até mesmo fundamentalistas. Um Pontificado que promete polémica.